

LUGARES OU NÃO-LUGARES? OS DESCAMINHOS DE UM DEBATE

PLACES OR NON PLACES? THE MISTAKES OF A DEBATE

BARCELLOS, Vicente

Paisagista, arquiteto, mestre, doutor, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. E-mail: vbarcellos@brturbo.com.br.

RESUMO

Surgida no âmbito da antropologia europeia nos últimos anos, a idéia de *não-lugares*, tem sido apropriada por paisagistas, urbanistas e arquitetos sem maiores questionamentos e utilizada nos debates sobre a paisagem urbana como parte de um arsenal ideológico que pouco serve para solucionar as questões que se observa nas cidades. Com o presente ensaio o autor questiona a validade da idéia de não-lugares para a área de conhecimento onde se inserem os paisagistas.

Palavras-chave: Paisagem urbana, transposição de ideais, idéia de lugar.

ABSTRACT

Born in the scope of European anthropology in the last years, the idea of non-place has been used by landscape architects, city planners and architects without major questions. It is also used in debates about urban landscape as a part of the ideological instrument that is unable to solve questions observed in cities. In the essay that follows the author question that value of the non-place idea to the knowledge area in which the landscape architects belong.

Key words: Urban landscape, idea transposition, place idea.

Os não-lugares

O paisagismo tem se alimentado de visões e formulações teóricas concebidas em outras áreas de conhecimento. Do mesmo modo, visões e idéias desenvolvidas no paisagismo, certamente, têm contribuído para outras áreas.

Esse não é um fenômeno recente e pode ser observado desde a gênese do paisagismo no século XX, como as influências dos estudos realizados por sanitaristas sobre o modo de se pensar e dar soluções aos problemas urbanos. Para que não se pense que o paisagismo esteve isento de influências, basta lembrar do valor pedagógico e civilizador atribuído aos parques por figuras como Frederick Law Olmsted, considerado o pai da Arquitetura da Paisagem.

Em alguns casos, essas transposições de idéias e proposições teóricas podem fazer avançar uma área do conhecimento, embora possam estar sujeitas a efeitos indesejados. O problema é que bases teóricas formuladas em outras áreas do conhecimento, algumas vezes, são apropriadas de forma pouco criteriosa e acabam por funcionar como elemento de diversionismo nos debates e terminam por reforçar posições puramente ideológicas que dificultam a solução dos problemas com os quais se defrontam os profissionais da área.

Tal é o caso das apropriações feitas das formulações de Marc Augé, antropólogo francês que toma como gancho as preocupações com a questão do lugar – que emerge nos debates dos arquitetos, urbanistas e paisagistas, a partir dos anos 70 e 80, nos movimentos finais da derrocada do movimento modernista – e escreve um libelo de grande aceitação que se coloca contra a multiplicação daquilo que chama de “*não-lugares*”, espaços que vê em “*oposição à noção sociológica*

de lugar” e “toda uma tradição etnológica àquela da cultura localizada no tempo e no espaço” e como produto das transformações econômicas, sociais e culturais recentes (1994, p. 36)¹.

As bases teóricas da crítica de Marc Augé situam-se na antropologia e só indiretamente dizem respeito às concepções e idéias da área do paisagismo, arquitetura e urbanismo. Entretanto, ao criticar os não-lugares como *locus* privilegiados de práticas sociais de um tempo e de uma cultura que chama de *supermodernidade* sugere, – de modo sub-reptício, mas insistente –, que aos não-lugares corresponderiam determinados atributos físico-espaciais.

Em sua argumentação, Marc Augé cita como não-lugar, os aeroportos, supermercados, vias-expressas e outras estruturas que caracterizam as cidades atuais. E endossa críticas às “cidades novas, originárias de projetos urbanísticos ao mesmo tempo tecnicistas e voluntaristas”, por “não oferecerem um equivalente aos lugares devida produzidos por uma história mais antiga e mais lenta.” (1994, p. 64). O que fica evidente em todo o texto é que o autor tem um ideal de cidade pré-figurada e assume posições nos debates sobre questões urbanas. Por esse motivo, certamente, suas idéias têm tido ampla repercussão entre os profissionais que atuam na paisagem urbana.

Os lugares

Ao serem apropriadas, as idéias de Marc Augé passaram a funcionar nos debates urbanos como um reforço das críticas feitas às realizações do movimento modernista², acusado de descaso às referências ao “lugar” e ao contexto, tal como havia feito antes Aldo Rossi ao clamar consideração pelo “genius loci”³, para logo a seguir ser, também, usada nas críticas às realizações do pós-modernismo.

De fato, as intervenções do movimento modernista, em sua maior parte, deram pouca atenção às questões de contexto e de lugar – fato que lhe valeu a denominação de *international style*. Embora algumas vertentes do discurso modernista enfatizassem a idéia de adequação ao contexto geográfico, social e cultural, suas práticas acabavam quase sempre alienando tais aspectos e produzindo como resultado soluções pretensamente universais que acabaram disseminadas e repetidas, independente do contexto.

A miríade de concepções e idéias abrigada sob a denominação de pós-modernismo, foi nutrida em boa medida no combate ao descaso pelo contexto geográfico e pela idéia de lugar dos modernistas. Entretanto, finda a hegemonia modernista, o que se observa é que as obras e realizações inspiradas pelos novos ideais acabam por repetir a alienação do contexto, mes-



Figura 1: Padaria no comércio de vizinhança de uma superquadra de Brasília
Fonte: Foto do autor



Figura 2: Ilustração da fachada do empreendimento imobiliário Praça Vinícius de Moraes, São Paulo
Fonte: www.guiasaopaulo.com.br

mo porque o modelo urbano que seduzia os críticos da paisagem modernista era a chamada *cidade tradicional* e suas morfologias de paisagem e de lugar. Era a volta do modelo anterior ao modernismo o que se queria e que passa a ser apreciado nos anos 70 devido à exaustiva repetição dos modelos modernistas.

Como resultado, independente do contexto, hoje, o vale-tudo de um ecletismo rejuvenescido visitado, pulula em nossas cidades (Figuras 1 e 2). Mas não há nenhum fato novo aí. Nas obras do paisagismo, da arquitetura ou do urbanismo intervêm a técnica e a arte, que está sempre sujeita aos jogos de referências a outros contextos, às experiências passadas e presentes.

Mesmo no caso das obras do paisagismo que ao longo de sua história estiveram menos afeitas a grandes variações de modelos, – seja pela tradição do seu ideário focado nas questões da paisagem, seja pela própria ênfase dada aos recursos naturais que induzem e limitam as possibilidades de manipulação estética. Ainda assim, a história do paisagismo está cheia de obras que adotam

modelos que fazem uso do jogo de referências a outros contextos e que, em maior ou menor grau, alienam o lugar.

Tal é o caso de notáveis realizações do século XIX, como o Parque Buttes-Chaumont, em Paris, construído por Alphand em 1863 sobre área degradada pela extração mineral e para compor idílico cenário romântico composto por falsas ilhas e grutas. (Figuras nº 3 e 4). No mesmo espírito, mas em outro contexto, Glaziou, cria no Rio de Janeiro,



Figura 3: Caverna com cascata do parque de Buttes Chaumont, Paris
Fonte: www.cdanslair.net



Figura 4: Ilha e lago do Buttes-Chaumont, Paris
Fonte: www.cdanslair.net



Figura 5: Grutas da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro
Fonte: Foto do autor

primorosas grutas de argamassa durante a reforma do Campo de Santana e da Quinta da Boa Vista. Em ambos os casos a ação dos elementos vegetais e climáticos ao longo do tempo, acabou por eliminar o ar de deslocamento e de artificialidade inicial, fazendo com que sejam reverenciados pelos paisagistas (Figura 5).

Entretanto, exemplos recentes de obras resultantes da mesma tendência de se reproduzir paisagens de outros contextos suscitam incômodos na crítica de arquitetos e paisagistas, como é o caso dos parques temáticos americanos e de alguns parques brasileiros, concebidos com o explícito objetivo de agradar ao grande público (Figuras 6 e 7). Montanhas Rochosas e Parque de Curitiba.

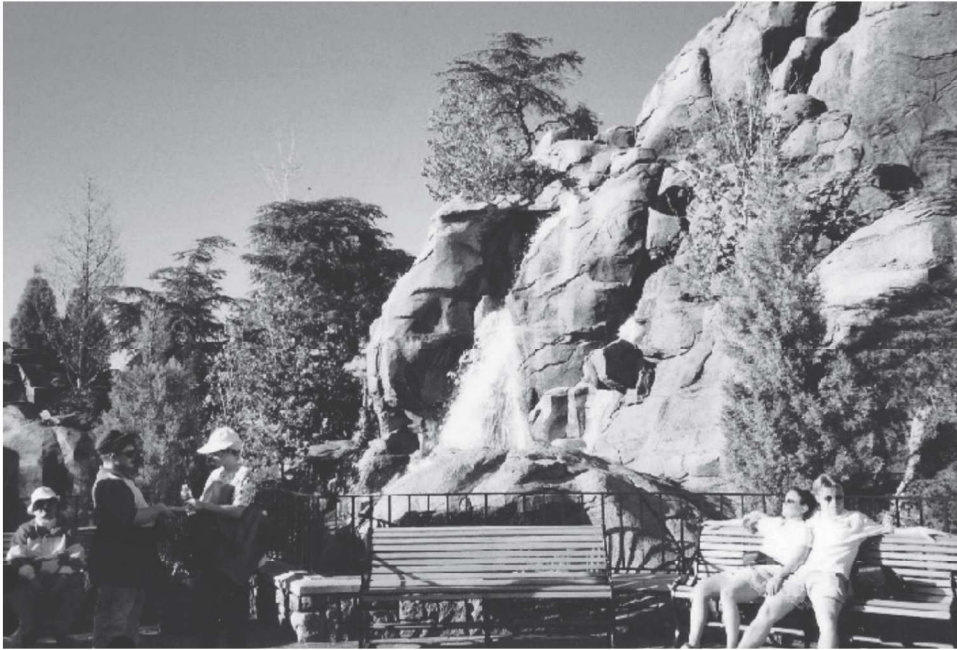


Figura 6: Réplica das Montanhas Rochosas, EPCOT Center, Orlando
Fonte: Foto do autor



Figura 7: Castelo do Parque Tanguá, Curitiba
Fonte: Foto do autor

Embora não se queira aqui alargar o debate com a inclusão da questão do falso e do verdadeiro, não há como deixar de observar que a presença de falsas cavernas, montanhas e rios, presentes tanto nos parques do século XIX como nos parques temáticos, podem despertar sentimentos diferentes de rejeição e aceitação. Mas são bromas que ao serem interpretadas ao pé da letra podem ser entendidas como uma alienação ao contexto levada ao extremo.

No âmbito das paisagens urbanas, do mesmo modo, essa alienação ao contexto, também não é recente. Basta lembrar da reforma urbana do Rio de Janeiro que para dar ares de civilidade a então capital da república, demoliu significativa parte da cidade colonial, para abrir vias e estabelecer o padrão francês de edificação e de tratamentos dos espaços públicos, em voga em todas as grandes capitais do mundo. Certamente que se poderia alegar, na época, que se tratava de uma paisagem fora de contexto e de um não-lugar como nos sugere Marc Augé (Figura 8). Av. Rio Branco.

Como se pode ver esse não é um fenômeno recente, mas caminha *pari passu* com os processos de integração econômica e cultural das sociedades. A diferença é que a aceleração desses



Figura 8: Avenida Rio Branco no início do século XX, Rio de Janeiro
 Fonte: www.almacarioca.com.br

processos de integração que provocam a disseminação e a homogeneização de modelos, tende a provocar sentimentos de desconforto e de rejeição às novas realidades com as quais nos defrontamos. Não é por outro motivo que esses momentos de aceleradas transformações ou de mudanças paradigmáticas são percebidos como momentos de crise.

Considerando que o jogo de referências a outras obras arquitetônicas e a outros contextos é fato comum, caberia perguntar qual a diferença, por exemplo, entre as realizações recentes, seja ela de um paisagista, um arquiteto ou um urbanista e uma obra do século XIX?

Desconsiderando a qualidade intrínseca de cada obra dos períodos referidos, pode-se supor que, – a tendência seria que as obras do passado mais remoto despertassem maior empatia, enquanto as obras mais recentes provocassem sentimentos de estranhamento e até de incômodo –, pelo menos entre aqueles segmentos sociais mais educados no olhar da paisagem urbana, entre os quais, certamente, se incluem o paisagista, o arquiteto e o urbanista.

Um professor de literatura, Andreas Huyssen⁴, nos dá pistas para entender esse fenômeno ao apontar essa excessiva valorização do passado e a tendência de musealização das cidades como decorrências de um mal-estar que parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com a aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentimentos estão bem preparados para lidar. *“Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para as memórias em busca de conforto.”* (HUYSSSEN, 2000, p. 32)

Ainda segundo o autor, algo mais deve estar em causa, que produz o desejo de privilegiar o passado e os mercados de memória; – esse algo, ele sugere seria uma palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global. E sugere ainda que uma das lamentações permanentes da modernidade se refere à perda de um passado melhor, vivido em um lugar circunscrito e estável, numa cultura construída localmente com seu fluxo regular de tempo e um núcleo de relações permanentes. Huyssen, com perspicácia, conclui que talvez tais dias tenham sido mais um sonho que uma realidade ⁵.

Para concluir, se poderia dizer que; o que Mar Augé não fala é que os não-lugares, como todas as obras humanas, passado o momento histórico em que foram realizadas, pelo próprio uso e vivência, vão sendo impregnados por novos significados sociais. E nesse processo em que as transformações econômicas, sociais e culturais se sucedem, fazendo perder o espírito da época em que foram realizadas, juntam-se os efeitos físicos da pátina do tempo. Resulta daí que tais obras acabam sendo vistas e percebidas numa perspectiva alterada.

Quais teriam sido os sentimentos e as percepções das massas populares quando da inauguração das reformas urbanas do Rio de Janeiro, no início do século XX? Pode-se supor que em parte foram positivos na medida em que prometiam um futuro. Mas certamente provocavam sentimentos de desconforto e estranhamento, já que não se tratava se simples transposição de uma paisagem urbana originada em outros contextos, mas também da imposição de novos costumes e hábitos de se comportar em público.

Notas

- (1) AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus, 1994.
- (2) Sobre assunto ver ARANTES Otília em *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: Edusp, 1999.
- (3) Ver: ROSSI Aldo, *The architecture of the city*. Cambridge: MIT Press, 1988.
- (4) HUYSEN Andréas. *Seduzidos pela memória: Arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- (5) Idem, p. 25 e 30.